



BB: o banco do Ricardo, do Guido, do Luiz Inácio, do PT

***Síntese:** A derrubada dos spreads foi apenas o pretexto apresentado por Lula para defenestrar Antonio Lima Neto da presidência do Banco do Brasil, logo após a instituição lucrar R\$ 8,8 bilhões, seu melhor resultado em dois séculos de existência. Na prática, o BB já vem baixando suas taxas de juros de maneira agressiva nos últimos meses; na média, a redução desde janeiro chega a 18%. O que o governo quer mesmo é escancarar as portas do banco, que conta com 90 mil empregados e atende 30 milhões de clientes, ao aparelhamento político do PT.*

O ilusionismo é um dos traços mais marcantes do modo petista de governar. Se há um problema, encontre-se um bode expiatório, desvie-se a atenção para questões acessórias, acerte-se com um ou outro lobby mais atuante, com objetivo de escamoteá-lo. Pronto: estará tudo resolvido – pelo menos na ótica que vigora nos anos Lula. O problema real, este mero detalhe, continuará onde sempre esteve, mas quem se importa? A ordem é sempre tergiversar.

É o que aconteceu no episódio envolvendo a troca de comando no Banco do Brasil, anunciada no início de abril, depois de semanas de titubeios por parte da equipe econômica. Lula e o ministro da Fazenda, Guido Mantega, decidiram tirar Antonio Lima Neto da presidência da instituição e substituí-lo por Aldemir Bendine, de fortes laços com o petismo e cuja ascensão no banco foi nada menos que meteórica. A razão apresentada ao público, surpreso com a notícia: o presidente da República tem “obsessão” por baixar os juros e o BB, nas mãos em que se encontrava, não estava entendendo do riscado.

Dentro desta pantomima, o novo presidente do banco chegará ao comando da instituição com uma missão em forma de cabresto: será submetido a um “contrato de gestão” que o obrigará a expandir o crédito e a derrubar o spread (diferença entre o que um banco paga ao captar recursos e o que cobra de quem pega dinheiro emprestado). Se não cumprir o termo, o que acontecerá? Ninguém sabe, muito menos o ministro. Claro está que se trata de um jogo de faz-de-conta.

Mentira obsessiva

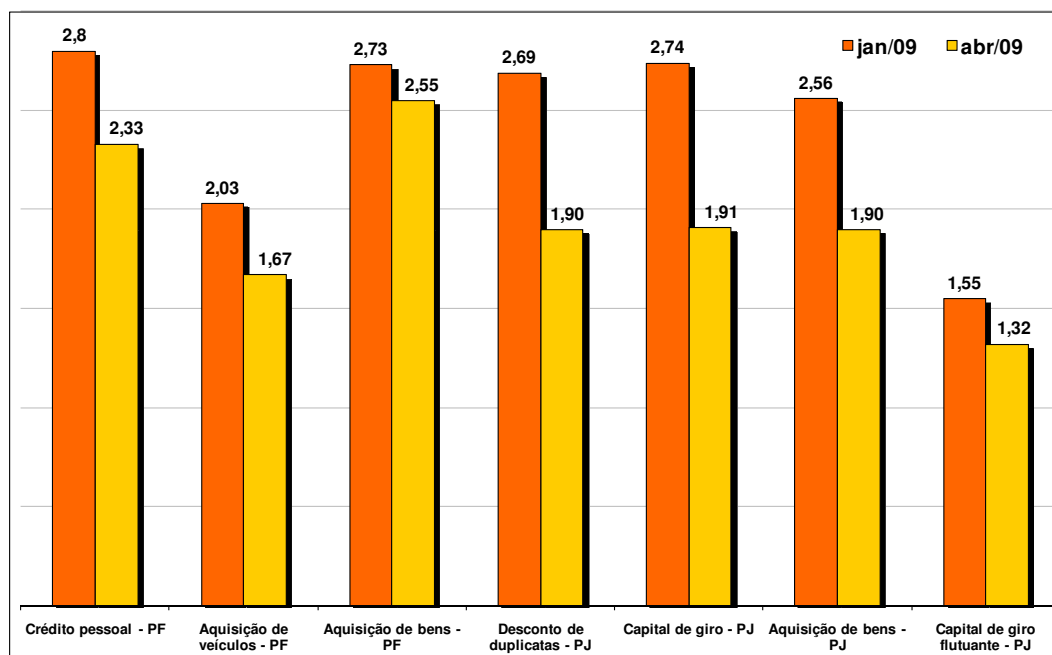
A realidade é que a derrubada dos spreads no BB foi apenas o pretexto apresentado por Lula, Mantega e a turma do PT para defenestrar Lima Neto, administrador que levou a instituição a um lucro de astronômicos R\$ 8,8 bilhões no ano passado, seu melhor resultado em dois séculos de existência. O que o governo quer mesmo é escancarar as portas do banco ao aparelhamento político, tão cobiçado às vésperas de uma eleição na qual o petismo promete jogar a vida para não se ver apeado do poder, ao qual se apegou com tanto gosto.

Na prática, o Banco do Brasil já vinha baixando seus juros de maneira agressiva nos últimos meses, à medida que a crise econômica foi tomando ares cada vez

mais assustadores. Nos rankings divulgados pelo Banco Central em relação ao comportamento das taxas nas diversas modalidades de empréstimo, a instituição oficial tem estado longe das posições de ponta.

O BC acompanha rotineiramente nove modalidades de empréstimo. Para pessoa física, são elas: crédito pessoal, cheque especial, aquisição de bens e aquisição de veículos. Para empresas: desconto de duplicatas, capital de giro, aquisição de bens, capital de giro fluante e conta garantida. Entre janeiro e agora, o Banco do Brasil só elevou seus juros nas operações de conta garantida para pessoas jurídicas, nas quais as taxas passaram de 5,1% para 5,54% ao mês. Em todos os oito demais casos, a margem de ganho do banco caiu – e muito.

Taxas de juros praticadas pelo BB (em % ao mês)



Fonte: Banco Central do Brasil

Na média, a redução dos juros praticados pelo BB desde janeiro chega a 18%. A redução mais tímida deu-se no cheque especial: apenas 1%, mas suficiente para que a instituição continuasse a praticar níveis inferiores aos de todos os demais bancos privados do país. Segundo o Procon de São Paulo, para esta modalidade a média de juro vigente hoje no mercado é de 9,03% ao mês. O Banco do Brasil cobra 7,85%.

Abalo nos alicerces

Houve cortes ainda mais significativos. O capital de giro para empresas ficou 30% mais barato desde janeiro. O BB só não é competidor à altura da Caixa Econômica Federal, cujas linhas de empréstimos têm taxas sempre alguns degraus mais baixas. E é justamente em decorrência disso que forçar o Banco do Brasil a reduzir ainda mais seus juros na base da canetada representa um abalo nos alicerces de solvência da instituição e, por tabela, na remuneração a que fazem jus seus acionistas – entre eles, milhares de brasileiros que investem suas poupanças em papéis do banco.

Se já dispõe de uma instituição 100% estatal, como a Caixa, para jogar os juros para baixo e, com isso, tentar induzir o resto do mercado a fazer o mesmo, por que, então, o governo usa o BB para isso? Se está no mercado, o Banco do Brasil deve mirar a lucratividade; do contrário, deveria sair. Com medidas tão temerárias, o risco é ver a instituição trilhar o caminho da época anterior ao Plano Real: usada de maneira politiqueira, viu-se à beira da insolvência, obrigando o Tesouro (ou seja, todos nós, contribuintes) a injetar R\$ 8 bilhões no seu capital em 1996.

O que Lula e o PT desejam é ter nas mãos o controle de uma empresa que conta com 90 mil empregados e atende 30 milhões de clientes, um público e tanto para quem está ávido por votos. O aparelhamento político do BB produziu episódios recentes lamentáveis como o uso da Visanet (na qual o banco oficial tem participação) para irrigar as contas do mensalão e o emprego de dinheiro do banco para patrocinar shows sertanejos em festas do PT. São tempos que deveriam ter sido exorcizados, mas parecem estar voltando.

É salutar que o governo tenha intenção de baixar o spread bancário. Mas primeiro é preciso que este seja um objetivo verdadeiro, a ser perseguido com medidas concretas. Se for mesmo, há formas realmente efetivas, como adotar o cadastro positivo – que premia os bons pagadores com taxas de empréstimo mais baixas, mas cujo projeto de criação dormita nas gavetas da burocracia. Forçar o BB a reduzir suas margens num momento em que a inadimplência é ascendente é expor ao mau uso uma instituição que pertence a toda a nação. Consequência disso é que desde a intervenção que resultou na troca de comando, o Banco do Brasil já perdeu alguns bilhões de seu valor de mercado.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.
Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).

Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília - DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: itv@itv.org.br . site: www.itv.org.br